

3E/3P-Editor, Juice Clinic, Manhattan Juice Clinic, MJC, and the MJC logo



are registered trademarks of Olymp Business Consulting, Inc.



R O M A N S C H R E I B E R

O meu nome é Snowi

ou:

A história dum gato irlandês

Tradução de Carolina Padrão

3 - P - Impresso

Pleasure - Publisher - Porto

Índice

Índice	7
Sobre o autor Roman Schreiber	8
Livros até agora completamente acabados além deste	10
Prólogo de Maria Helena Padrão	11
Prólogo	12
A minha vida na Irlanda	13
Novos vizinhos	14
Apesar disso sentia-me bem na sua vizinhança	18
Saída da Irlanda	23
Despedida dos alemães	27
Uma má troca	28
Na escuridão para a Escócia	29
Uma nova vida em Portugal	36
Notas	44



Roman Schreiber

Roman Schreiber, nasceu em Koenigin der Hanse, no ano da implantação do 'DM'. (melhor dito em vinte e três de Junho de mil novecentos e quarenta e oito, em Luebeck, Alemanha)

Após estudo constante, em ecónomia indústrial, entregou-se à sua firma, quase durante vinte anos de trabalho contínuo. Com a 'velhicejovem', de quarenta e quatro anos, e a firma coroada de exito pode retirar-se e dedica-se às coisas bonita da vida. Para isso trabalhou e viveu tanto, como se tivesse já setenta anos! Hoje, ao mesmo tempo que se relaciona com os seus amigos portugueses, em prol dos seus negócios, escreve muitas vezes, um pequeno livro como este.

3 – P – Impresso

Pleasure – Publisher – Porto

Livros até agora completamente acabados além deste:

... sete meses em Ir(r)land são suficientes!

Irlanda, Fevereiro 1993, Portugal, Agosto 1993,

.....

A verdadeira história de Cico –

Ou como um burrino se tornou uma Estrela de Futebol
Agosto 1993

.....

... oposição Permanente

Outubro 1993

.....

**Composte e 3 – P – Impresso
Pleasure – Publisher – Porto**

Prólogo de Maria Helena Padrao

Em nota prefacial não vou falar das ideologias ou dos sentimentos nacionalistas que o texto carrega e que merecem o meu respeito porque reflectem a identidade do ser, individual ou colectivo.

Falarei apenas do 'quid' literario que o texto nos oferece.

Snowi, um gato, um narrador intradiegetico e homodiegetico conduz-nos a um mundo de contrastes de mitos e de verdades.

O próprio nome 'Floco de Neve' sugere desde logo, a bipolaridade 'frio' e 'calor'; o frio, presentificado na neve e o calor presentificado no revestimento que envolve o gato.

É feita por Dr. Roman Schreiber, uma análise de comportamento humano, uma análise das relações sociais, do apreço pelas outras espécies viventes, através do olhar arguto de Snowi, alter-ego do escritor que, habilidosamente se esconde, também, atrás do manto.

Frio e calor, indiferença e solidariedade, ódio e amor e... até onde o campo semântico se puder refractar, dispersar, até atingir o aniquilamento do humano como essência do homem ou, até onde essa essência for plenitude.

O campo semântico é vasto, percorre os opostos luz e treva e cabe a cada um de nós escolher o ponto de referência.

Maria Helena Padrao

Prólogo

Esta história dedico-a a alguns irlandeses 'irradiados' que por um triz não extinguiram a vida, a uma criatura maravilhosa. Justamente porque na Irlanda tantas coisas impensáveis acontecem, fomos proporcionado que nos ligasemos, a um animal doméstico, o que na verdade não estava planeado. Um acto errado o determinou.

Snowi, ele próprio, nos irá contar, o que nos últimos meses da sua vida aconteceu.

Portugal, Agosto 1993

A minha vida na Irlanda

Quero fazer uma pequena apresentação:

O meu nome é Snowi. Sou um gato com a alvura da neve – daí o meu nome cheio de beleza. Em tradução livre “Floco de neve”, assim dizia o meu Master Irlandês, John. Hoje tenho seis anos de idade, de acordo com a maneira como os seres humanos contam o tempo. Aliás, isto não tinha qualquer importância para a minha ex-família irlandesa. De resto, a minha vida, até há um ano atrás, um ano dos humanos, decorria de modo bastante aborrecido. Não tinha muito que fazer no nosso terreno. Na Irlanda não há muitos animais aos quais se possa dar caça. Quase não se brincava comigo. No máximo, um pouco com Emma, a filha da casa, mas esta agora tinha muito que estudar e tinha outros interesses.

Há um ano e tal vieram três pessoas muito exóticas para a vizinhança. Eu não podia entender absolutamente nada do que diziam pois eles eram alemães, segundo eu depreendi das conversas entre a minha gente. Dizia-se que eram muito ricos, conforme John contava à sua Nory.

“Ótimo, podemos finalmente reduzir o preço da alimentação do Snowi e do Johnjohn e mandar os bicharocos com alguma frequência para o terreno daquela gente”, isso era o que ao John até agradavam afirmações deste género, assim ele ficava com mais algumas cervejas Guinness, e Johnjohn, o cachorro velho, podia deste modo acompanhá-lo mais vezes ao Pub mais próximo. Na Irlanda a nossa luta diária pela

sobrevivência era muitas vezes intensa e tínhamos de ver, donde podíamos obter refeições apropriadas. Apesar de tudo a nossa situação era bastante idílica aqui na província, mas, se a comparar com o presente... Aqui começa a história do último ano humano que eu agora desejo relatar.

Novos vizinhos

Um certo dia, durante o mais bonito Verão irlandês de que me posso lembrar, chegou um caminhão gigantesco e parou ao pé do terreno, até aí inabitado do nosso Cul de Sac. O meu Master John e o seu filho Andrew, um rapazola de catorze anos humanos, ficaram como que possessos para ganharem um par de Pounds, ajudando a descarregar esse sem número de caixas, caixotes e móveis. Naturalmente que o faziam como os impelia para este facto novo, era a curiosidade.

Dizia-se que estes novos vinham da Germânia, mas eles falavam: ora na minha língua, portanto inglês, ora de maneira incompreensível, talvez germânico? Dum modo qualquer, os seres humanos presentes pareciam entender-se bastante bem, dado que em breve o grande caminhão se foi embora depois de descarregado e o sossego voltou ao nosso cantinho.

Comecei a minha volta diária, no entanto alarguei-me por uma curva maior. Porquê da Alemanha? Depois, para aqui para a nossa vizinhança? Teria ficado muito contente se tivesse podido formular estas perguntas.

Assim, apenas podia observar as querelas das pessoas e tirar daí as conclusões lógicas possíveis.

Naturalmente que usava de muita prudência, pois não tinha dados para avaliar esta gente. Quem sabe aquele homem com cabelos compridos talvez tenha qualquer coisa contra os gatos.

Mas a senhora loura e o rapaz, a quem sempre chamavam Mark, tinham um aspecto que me parecia ser possível eu poder travar amizade com eles. Então, fui cheio de coragem dar a volta à casa e procurava espreitar pelas janelas para descobrir onde é que parava esta gente. Ah! “muito ricos”, tinha dito John. Como é que isso se podia depreender? Ele referia-se certamente às inúmeras caixas que por aí se encontravam espalhadas por toda a parte.

Não descobri nada que se comesse. Eles estavam muito ocupados a arrumar o conteúdo das inúmeras caixas, nos armários. Talvez não lhes sobrasse o tempo para me prestarem atenção. Resolvi observar melhor esta família noutra acasião.

A todo momento chegavam cheiros apetitosos vindos da cozinha. Estas fragrâncias interessa-vam-me, e agora também via a possibilidade de, num diálogo directo, atrair a atenção da dona da casa, para o meu apetite. De facto, estes germânicos eram verdadeiros amigos dos animais. Davam-me os melhores bocados de carne que até aí me fora dado comer. Nem mesmo Johnjohn jamais me pudera falar de tais fantásticas

iguarias, e esse Johnjohn já tinha viajado muito na companhia de Master John.

O mais sensacional era que, sempre que eu miasse um pouquinho, depois de me sentar na soleira da janela da cozinha, entregavam-me comida, que punham na minha frente. O máximo foi que estes germânicos até me construíram uma pequena ponte de madeira. É que, por causa da muita água da chuva e conforme eu ouvia muitas vezes criticar, também por causa duma drenagem de água perfeitamente ineficaz, a respeito da qual os ouvia ralar, era-me impossível um acesso á cozinha com as patas enxutas. Era fácil para mim passar por esta ponte de madeira, embora em certos dias a água até levasse esta ponte no enxurro. Mas não será demais dizer que eu, nunca antes, encontrara tal simpatia. A pequena ponte era sempre renovada. Especial para mim.

No entanto, com os seus carros eles tinham umas certas manias.

Sempre que eu queria estar à vontade na capota do motor quente, duma das suas viaturas inglesas, era afugentado com bastante brusquidão. Umaz vezes, assim, outras, assado. Que gente esquisita esta? Mas a tentação de me colocar nestas capotas era forte demais!

Certo dia pretendi visitar o jovem Mark no seu quarto. Através dos vidros viam-se lá tantas coisas espantosas! Ali, eu tinha de entrar, custasse o que

custasse. Tinham sempre muita pressa para fechar as portas. Havia qualquer motivo pelo qual não me queriam lá dentro. Ao mesmo tempo, lá fora eles eram sempre muito simpáticos. Algumas vezes até me faziam festas, embora usassem luvas. Supunham provavelmente que todas os irlandeses eram portadores de micróbios!

A construção das janelas típicas irlandesas, não facilitava a um gato entrar numa casa por uma janela aberta, sem grades riscos de se ferir. Havia apenas no umbral uma pequena parte móvel, que, mesmo quando completamente aberta, necessita de artes razoáveis de navegador, para ser utilizada como primeiro lugar de aterragem. Depois, sem grande demora, era preciso saltar para aquele pequeno abismo que ficava do lado oposto.

Eis-me sentado atrás do sofá do quarto do filho. Agachei-me em profundo silêncio e mal me atrevia a respirar. Aproximavam-se cada vez mais, as vozes dos três alemães conforme, entretanto, eu aprendera. E agora, que podia fazer? Aqui, entre a parede e o sofá eu estava numa autêntica prisão. Portanto resolvi ter coragem e passar ao lado dos três, penetrando no interior da casa.

Este era o meu plano. Mas o tipo alemão maluco, estendeu a mão a qualquer coisa que pudesse lançar, penso que ele tirou mesmo o seu sapato e realmente fez pontaria para me acertar. Com grandes saltos tomei o mesmo caminho que tinha tomado, impelido

pela curiosidade. Zás tràs, cheguei lá fora depois de passar pela janela aberta. Escapara de boa!

Apesar disso sentia-me bem na sua vizinhança...

O que é eles tinham a esconder que fosse importante? Seriam os inúmeros brinquedos que eu podia ver de fugida? Não lhes queria tirar nada, queria apenas embasbacar-me só um pouquinho. Mas o certo é que não falamos a mesma língua, pelo menos os seres humanos não entendem perfeitamente os gatos. Querem sempre obediência quando dizem “Snowi vem cá” “Snowi vai embora” ou seja o que fôr!

Por sorte o sapato atirado deste sujeito não me atingiu e eu fui a trote pelo meu atalho para o terreno ao lado, onde havia umas vacas novas para arreliar. Era cómico que estas não se sentiam nada bem quando me viam. Será que tendes medo de mim, um pequeno gato branco? As vacas responderam mugindo a sua impaciência. Ao fim e ao cabo esperavam a sua servente na esperança de serem conduzidas ao seu estábulo. Que bom eu não ser um bovino assim, pensei eu. Estar sempre num rebanho talvez seja divertido, talvez não haja tédio nenhum, mas constantemente temos que obedecer ao que os velhos nos mandam.

Pensando bem até achava agradável o meu papel de solitário. Mas, quem vinha a passo lento ao longo da estrada? Era a gata preta, Trude - gorda obesa sempre comilona. O que é que ela queria daqui, do

terreno dos meus novos amigos alemães? Se é que posso charmar-lhe assim. Será que os pássaros já tinham espalhado a notícia por toda a parte, de que havia aqui uma cozinha formidável? Espero que o Johnjohn não tenha contado ao rafeiro no Pub que eu fiz uma conquista? Não, eu não podia permitir agora se instalasse um precedente. Era o meu território. Esta Trude não sabe respeitar a sebe até mesmo, a nova fila de árvores vistosas que estava por trás. Esta era a fronteira, a sua fronteira!

“Porque hão-de ser eles teus amigos, meu querido Snowi?” perguntou Trude. “Em primeiro lugar eles são estrangeiros” e conforme ouvi dizer são bastante arrogantes. “A esses, chamas tu teus amigos?” Não me faças rir! Eles vão mandar-te para casa do diabo. Não te dês tantos ares! Nós vamos desmontar esses alemães e comer o que for apetitoso!” disse Trude.

“Oh não, tu não te atrevas a pôr as patas no seu terreno. É a minha coutada! Já há anos combinámos, que aqui na Glen Road ´s a fronteira para ti e para mim! Eu sempre respeitei esse acordo, mesmo quando o teu dono, distribuidor de yoghurt, me quis subornar com as sobras que trazia das suas distribuições. Mantive-me sempre em casa da minha família, sempre me deu sustento, mesmo nos dias em que a minha saúde deixava a desejar. Aí partilhávamos, com todos os outros gatos, duma vizinhança bem vista neste território - e isto aqui é agora a minha coutada! Por favor Trude!” A minha decisão fez parar Trude!

“Okey! Se pensas assim Snowi guarda os ‘teus’ estrangeiros para ti, não tenho neles o mais pequeno interesse. Eu pressinto que há muitas aventuras que vêm ao teu encontro, se te deixas envolver muito com eles! Passa bem, Snowi, convido-te q que me visites um dia destes - mas só depois de teres comido em casa dos germanos!”

Seria o meu corpo que entretanto se revigorara? Oh! a boa cozinha alemã! Eu orgu-lhei-me por, sozinho, ter vencido a rechonchuda da Trude, apenas com os argumentos da verdade. Formidável! Seria que Trude estava também com a barriga cheia? E igual. Eu tinha defendido e obtido para mim os germanos, só que eles não sabiam nada disso! Eu estava seguro de que lhes tinha poupado algumas arrelias bem incómodos. Nós, os gatos, somos capazes de ser bastante macadores se aparecermos mais do que um. É claro, que eu não contara nada a Trude acerca daquele alemão que atirava sapatos! Ela ter-se-ia rido de mim. Eu sabia já que is ter bom contacto com o menino e a mulher que parecia chamar-se Ursula; Uschi chamava-lhe sempre o sujeito de cabelo comprido. Bem vistas as coisas, eu não sou um gato qualquer, fico bem perante o pano verdejante da nossa paisagem!

Eu estava muito grato a estes alemães por terem trazido um pouco de dinamismo à minha existência. Do sujeito concerteza obteria também amizade, exactamente quando ele me conhecesse melhor. Eu

tinha a certeza disso. Já não voltaria a ter acções como o “atirar sapato”.

Enganava-me a curto prazo. Alguns dias depois aconteceu exactamente o mesmo. Agora já conhecia melhor o caminho. Pela janela aberta, para baixo, passar pelos vasos de flores. Zás, um pulo para o meio da construção de caminho de ferro lego em miniatura. Que maravilha, tudo o que havia para ver. Um aeroporto, uma estação de caminho de ferro, a bem dizer uma cidade interia do tamanho original dos gatos. Passeei por ali e sentia-me muito bem.

Mas eis que a trovoada voltou a desabar sobre mim! “Põe-te a andar” gritou aquele sujeito. E mais alguma coisa veio a voar atrás de mim. Não sei se seriam sapatos. Também não importa. Mas que bom. Ele não me atingiu. Talvez não quizesse acertar? De novo me achei em segutanca lá fora a respirar ar puro, esbafurido. Seria a minha panca repleta conforme Master Jahn ia dizendo?

Por outro lado, não é concerteza meu inimigo quem se preocupa para que haja sempre comida para mim ao pequeno almoço, ao meio dia e tarde de noite, mesmo que, com os seus arremessos, me obrigue sempre a exercícios desportivos de recordista! É assim que eu raciocino.

Eles simplesmente não me queriam em sua cas, estes germanos. Era pena porque, doutro modo, eu talvez os compreendesse muito mais e me habituassem ao

seu idioma. Mais uma vez a Trude teria razão. Estes alemães ainda se haveriam de revelar como sendo o meu destino.

Na Irlanda o inverno e a primavera são muito monótonos. Eu dormia a fartar e só andava algumas centenas de metros para casa dos germanos, afim de tomar as refeições. O John também há muito que não ia lá para tomar o chá, eu creio que aquele chá fino vindo da Alemanha se tinha esgotado e o John podia beber o seu chá vulgar inglês, na sua própria casa. Já raras vezes serviam álcool portanto eu tinha que ir só.

Às vezes o Johnjohn também me acompanhava. Esse, remexia sempre nos sacos de lixo e desta maneira provocava o próximo incidente. O lixeiro irlandês não conseguia arranjar um recipiente autêntico para o lixo. Nós, na casa dos McMaddn's não tínhamos recipiente e o John ia levar ele mesmo o lixo à lixeira mais próxima. O Johnjohn falava-me sempre dessas viagens que ele dizia "cheirar-lhe mal" mas ele na lixeira encontrava velhos camaradas e trocava com eles as últimas notícias. Tinha ocasião de fazê-lo uma vez por semana. Espantei-me pelo facto da notícia mais importante deste período só ter começado a ser difundida quando chegou um grande Container para transporte ultramarino.

Saída da Irlanda

Os alemães, passado tão pouco tempo, queriam novamente deixar a nossa Irlanda! Esta notícia siderou-me. Uma decisão destas, sem me informar previamente! Agora que o meu estômago tão bem se habituara a esta cozinha alemã! Isso não se faz!

E eu sempre julgara que se sentiam bem na nossa terra! Da sua casa emitiam para o mundo música tão bonita, às vezes com bastante volume de som. Aliás, a sala de concerto quase ficava em cima do relvado. Às vezes um rufar de tambores terrível, lembrava o conto em que se fala de música feita por gatos. Mas posso assegurar-vos que eu não participava nesse concerto, ao fim e ao cabo nunca me tinham admitido oficialmente no seu convívio. Apesar disso, eu estava sempre sentado na capota do seu Jaguar espampanante e escutava a música com muito prazer. Ora bolas e isto agora havia de terminar?

Eu nem sequer pensava muito na comida. Mas esse rapaz simpático! E essa simpática e loura mulher! Tiveram sempre algumas amáveis palavras para comigo quando vinham para o nosso terreno e eu estava nas proximidades. Mesmo esse sujeito a quem eu há muito perdoara as suas práticas brutais de me escorraçar, chamava-me pelo nome de forma amável. Ele era bem melhor e mais amável para comigo do que a minha família irlandesa o havia sido todos estes anos! Eu achava impossível que estas três pessoas simpáticas voltassem a desaparecer da minha vida!

Lá estava há três dias aquele monstro construído em aço frente da casa deles! Chamavam-lhe Container ultramarino. Havia uma escada de serviço encostada. Uma vez espreitei para esta escuridão vazia e profunda. Achei esta visão arrepiante. Esta porcaria que tem como cor um castanho avermelhado. Oxalá que estes alemães não quisessem mudar-se lá para dentro!

Não, eles apenas empilhavam lá dentro todas as suas caixas e caixotes, que apenas poucos meses antes tinham desembalado. Deviam ter uma paixão para fazer malas porque doutro modo nenhum ser humano se auto - tortura assim. Mas desta vez só se viam os meus três alemães. Não havia auxiliares, nem o John nem o Andrew. Eu creio que eles pensavam tão mal dos irlandeses, que não queriam aceitar deles qualquer ajuda.

John contou à sua Nory que apenas lhe pediram que ele desmontasse os belos candeeiros na entrada e que também desmontasse a antena de satélite da televisão. Master John tinha sido electricista em tempos passados e disto compreendia alguma coisa. Não lhe ouvia uma palavra de admiração na família dos Mecomadden.

Estariam eles com complexos de culpa e por isso reticentes? Não deveriam eles ter sido mais activos antes convidando uma vez, ou outra, estes novos vizinhos conforme eles o tinham feito? Não teria sido

pouco dizer apenas “Hallo how are you?” Estas eram auto - acusações que John e Nory agora faziam.

Andrew também se fazia ouvir. Perguntava onde poderia agora melhorar a sua mesada? Quem poderia voltar a dar-lhe tanto dinheiro como estes germanos por ele cortar o relvado? Eles afinal não eram assim tão maus, pensava ele. Afinal eram sempre amáveis. Traziam os meninos da paragem do autocarro, quando se encontravam com eles, por acaso, durante o longo percuso da rua principal. Que ocasião tinham agora para viajar de Jaguar? Onde poderia, de futuro, jogar futebol com redes de armação de alumínio e malhas autênticas? Subitamente eles compreenderam quais as vantagens que esses alemães lhes tinha trazido pessoalmente. Agora era tarde, a decisão estava tomada. Os alemães estavam de partida. Eu estava desesperado.

Bom, eles vieram sem pedir licença. Naturalmente que tinham o direito de se ir embora quando quisessem. Mas o terreno onde viviam atraía-me sempre de novo. Haiva qualquer coisa de diferente em casa deles. Aquele relvado muito bem cuidado. Logo na entrada, aqueles candeeiros psicadélicos. Ao lado destes, três mastros para bandeiras com três bandeiras multicolores. Isso fazia uma impressão fantástica em todos os irlandeses das redondezas. Parece-me que estes também sentiam que ali vivia gente mais fina com a qual pouco tinham de comum.

Além disso, aquelas bandeirinhas, que marcavam os buracos de golf. A princípio, ninguém de nós sabia o que elas representavam, mas numa inspeção mais minuciosa, consegui desvendar qual era o seu significado. Talvez tivessem essas bandeiras por amizade para comigo, para que não pusesse os pés nesses buraquinhos de golf. Acompanhei-os em muitas pequenas rondas em volta do seu terreno. Eram os mais loucos de todos na nossa vizinhança. Mesmo com sol pálido iam para o ar livre afim de jogar um pouquinho de golf.

Além disso, havia os espantosos desafios de futebol aos quais eu assistia a uma distância segura! Quem é que, na Irlanda, tem balisas próprias com redes verdadeiras? Bom, eu realmente conseguia passar as malhas mas, os remates mais violentos eram retidos pelas redes. Era formidável! De futuro onde havia os Kevin, Kiron, Shaine, Andrew, e quem quer que fosse, para jogar futebol? Eu pensava que eles ainda iam construir uma grande casa rústica. Assim o havia anunciado Mark ainda antes do Inverno. Teria sido uma coisa bela, debaixo daquelas árvores gigantescas na extremidade do terreno! Mas agora. Eu amaldiçoava estes alemães. Quem me dera que eles nunca tivessem vindo para aqui. Nós todos teríamos vivido, e bem, sem saber que na vida há algo mais do que esta Irlanda. Oh! eu amaldiçoava também esta Irlanda!

Despedida dos alemães

Já era o terceiro dia que este frio container se encontrava diante da casa deles. Entretanto eu também conseguira penetrar no interior da casa, de fugida, através das portas abertas. Estas criaturas queriam agora abandonar este “Palácio”? Uma casa parece muito maior quando as mobílias são retiradas! Quase já tinham mesmo vestido roupa lavada. Era tempo para fugir sem demora. Destesto despedidas! Perguntava a mim próprio se se iriam despedir de mim pessoalmente.

Observei como o meu Master John conversava com eles. Só que não conseguia compreender o que diziam. Estava longe demais escondido entre os arbustos. John partiu de carro. Aí os alemães partiram também com os seus dois carros: O container ainda ficou no nosso terreno. O condutor, com a sua máquina de tracção pesada, ficava enterrado no relvado muito humido. Aha! Daí toda aquela freima!

Mas os alemães não voltaram! Sem despedida, que belos amigos! Veio agora o John e subitamente apareceram outros homens também. Todos eles queriam libertar a máquina transportadora do relvado molhado. Como eles se mostraram desajeitados! Provavelmente os nossos alemães não tinham querido voltar a ver um espetáculo assim, e certamente, isso explicava a sua partida algo prematura. Mas, como era imprudente deixarem todos

os seus utensílios no container! Podiam ter ao menos fechado à chave, não é assim?

Finalmente o camião encontrava-se em chão firme. Aproximei-me um pouco mais para ir escutando o que lá se dizia. Compreendi que íam mudar-se para a Escócia. Master John sempre dissera que na Escócia moram os nossos primos. Mas o que estaria a acontecer agora? Porque é que John e o condutor do camião voltaram a abrir a porta do container?

Uma má troca

E agora, ainda por cima, retirou a bela mala vermelha que continha as ferramentas! Isto é roubo! Corri para ele. Ele não podia fazer uma coisa dessas! Atirei-me a ele mas ele afastou-me com um empurrão. „Vem Snowi, eles nem sequer dão por iss. Deixa-me” - Eu queria ao menos defender os bens dos meus “amigos” alemães embora eles não mercessem! Nem mesmo me tinha feito festas uma última vez! Que belos amigos!

Então John agarrou-me e fazendo uma curva no ar, aterrei lá em cima nas almofadas macias que estavam no container. “Como me havia de safar desta situação?” Eh! John estás maluco? Deixa-me sair! „Eu miava, eu gritava mas em vão. Lá fora, com a porta de aco novamente fechada, ouvia o John dizer: „Ora, até à Escócia, este gatarrão obeso não precisa de comer durante uns dias, ao menos perde um pouco de peso.

Além disso, é uma troca honrada! Um gato em troca de uma máquina para apertar parafusos!”

Na escuridão para a Escócia

Fiquei sentado no escuro. À minha volta nada havia, a não ser o chério dos alemães. Houve um esticão e a viagem começou para o desconhecido. A princípio não consegui pensar com clareza. Seria isto bom ou seria mau? Deixar esta Irlanda e seguir os meus amigos alemães! Mas eu não trazia nenhuma bagagem! Nenhuma provisões. Está bem! A Escócia, essa terra, ficava do outro lado do mar da Irlanda.

Mas agora era eu que era incapaz de me despedir. Despedir-me por exemplo do Johnjohn, o único cão em que eu confiava. Ou de Emma. Afinal ela tratara de mim todos estes anos e tinham sido anos razoavelmente felizes. A verdade é que eu nem sequer queria partir! Que bicho tinha mordido o este John? Provalvemente bebera umas Guinness a mais? Não seria isso velho Master John?

Que escuridão à minha volta! Só aos poucos consegui distinguir coisas. Estava de facto sentado num dos sofás de couro dos meus amigos alemães. A Nory tinha-me sempre empurrado para baixo quando eu me queria sentar ao pé dela. E agora, estava sentado neste couro almofadado e fino! Era estupendo! Tentei encarar a situação pelo seu lado melhor. A Escócia. Bom! Não será assim tão mau já que estes alemães resolveram ir para lá!

Para começar tentei esquecer-me do primeiro susto e enrolei-me comodamente num canto do sofá. Dormir verdadeiramente, não consegui, Que grandes solavancos, mas isto dificilmente podia ser o encapelado mar da Irlanda? Eu ouvia o claxon dos carros e outros ruídos de motores. Eu não podia deixar de estar, ainda na Irlanda, e assim, havia ainda uma pequena possibilidade de escapar desta situação!

Veio um momento em que tudo era silêncio. Levantei-me dum pulo. Saltei contra a porta e fiz barulho o mais que podia. Pareceu-me ouvir vozes “Socorro! Poque é que ninguém me ouve? Quero sair daqui! por favor deixem-me na Irlanda! Não houve resposta os meus gritos aflitos não conseguiram atravessar estas paredes de aço. Infelizmente isso era evidente. Portanto sempre ia para a Escócia, mas ia com amigos alemães; este pensamento encorajou-me um pouco.

la sendo tempo de comer um jantarzinho. Como um raio o pensamento passou-me pela cabeça: Onde é que há comida para mim? Como havia de viajar até a Escócia sem tomar uma refeição? Havia de morrer cá dentro de fome e sede? Surgiu o pânico! “Socorro!” Oh Snowi, mantem-te calmo! Poupa energias! disse eu com os meus botões e voltei para o meu lugar fofo e aconchegado. Mas que belas perspectivas, pensei eu!

Havia silêncio em meu redor. Muito ao longe ouviam-se às vezes sirenes. Soava a naivos. É certo que eu nunca vira um navio a valer, mas às vezes em qualquer filme da T.V. eu ouvira um ruído assim. Pois claro a T.V. dá cultura! Mas que silêncio à minha volta! Era apenas o primeiro dia, pensava eu! Eu tentava convencer-me a mim próprio que tinha de sobreviver aos poucos dias restantes até a Escócia.

Onde ficava a minha sanita de gato! É claro que eu não podia satisfazer as minhas necessidades de gato, aqui, no meio dos objectos de uso dos meus amigos alemães! Isso seria mais um motivo para que o varão alemão me mandasse “caçar para o diabo”, conforme Trude predissera, depois de eu ser salvo desta cadeia de aço. Mas ainda não chegara o momento. Para já tinha as minhas “necessidades fisiológicas” para satisfazer.

Sim, alí em frente havia muitas plantas. Ali será possível. Ora vejam! Há vários recipientes com água. Tenho a possibilidade de molhar ali as minhas goelas secas! Mas, Snowi, só muito lentamente! Os monólogos ajudam na solidão. Ora, eu não posso meter o dente nessas plantas, elas certamente são insossas. Pois bem, se a fome apertar mais, vou experimentar comer umas folhas...

Havia sempre esse silêncio à minha volta. Porque seria não continuava a viagem? Pensava eu que as coisas deviam ser levadas para a Escócia e não iam ficar aqui, no porto marítimo? Que espécie de

organização era esta? Comecei a perder os sentidos. Tudo girava á minha volta. Devo ter adormecido porque de repente ouvi o zumbido monótono duma potente máquina. É provável que seja o navio para a Escócia, pensei eu. Ah! Finalmente, agora a viagem continuava.

Oh! Eu estava pior! O meu estômago rosnava! A minha garganta queimava! Devia ter passado uma eternidade desde que eu tomei a minha última refeição decente! Esse idiota do John McMadden! Se ao menos ele tivesse entregado para trazer, algo de comestível ! E agora esta baloucada. Além disso este barulho do motor. Parece ser esta finalmente a passagem para a Escócia. Agora, a viagem já não podia durar muito.

Engano! O balanço nunca mais terminava. As caixas e caixotes rocam uns nos outros, surgia assim um ruído muito sui-generis. Dalgum modo este barulho fazia-me sono, muito sono. Ah: preferia prescindir desta música de embalar! Que porcaria! Agora por engano até fizera cócó nesta carpete chinesa. Parece-me que aos poucos vai rareando o oxigénio para respirar? Apalpei-me. Já teria perdido o meu estômago? E que dores de cabeça eu tinha por causa do enjoo. E sempre este zumbido de motor. Oh! Não! SOCORRO...!!!

Sim, eu estava desesperado. Era o fim. Tinha que ser o fim! Teria sido melhor ser atropelado na Irlanda por um automóvel ou ser vencido numa luta leal

combatendo, pensava eu. Quem quer que tivesse culpa nesta minha situação, que fosse para o inferno dos gatos. Afundei-me num profundo desmaio.

Subitamente o ruído das máquinas cessou. Teriam chegado ao lugar de destino! Vai aguentando Snowi! Vais conseguir! mantém a calma, é forçoso que alguma vez abram este caixote metálico! Oxalá que sim! Longa espera! Nada acontecia. É para dar em doido! Porque é que começa novamente o matraquear do motor? Parece impossível! E pensava eu que íamos para a Escócia? Isto só se explica com a possibilidade de termos sido ratados, pensei eu. Aqui, pelo menos, estava sentado e tinha segurança.

Mas se não atracarmos em breve e a minha prisão não for aberta, deixa de existir o Snowi, pensava eu. A Trude avisara-me: “Não queiras nada com esses alemães”. Porque os tinha procurado eu tantas vezes na sua parcela de terreno? Acusava-me a mim próprio. Há quanto tempo estaria neste container? Tentei fazer contas de cabeça.

Eu tinha aprendido a fazer contas na companhia de Andrew. Às vezes, olhava, quando ele fazia os seus deveres escolares. O que pensarão na Irlanda? O John teria dito a verdade? Deificilmente o podeira imaginar. Aquele borrachão velho! eu, a princípio não pretendia revelar isto, mas ele, às vezes, entrava muito na garrafa. Por isso é que a Nory parecia uma serigaita e até mesmo as crianças da vizinhança faziam troca do Andrew por causa disso. Ele não tinha

culpa de ter um pai doente. Mas as pessoas são assim !

A minha mãe tinha-me falado de um professor dos homens que era sábio. Certo, ele também era da Alemanha e dizia com frequência: “a maior fera é o ser humano.” Ele bem sabia o que dizia porque era caçador de caça grossa.

Teinte então resumir na minha cabeça o decorrer da viagem até aí. Primeiro, houvera todos aqueles solavancos. Depois, cinco dias de paragem até recomencar o zumbido mas agora, acompanhado de balanço. Agora, depois do intervalo, mais uma vez o ribombar monótono. Apesar do balouçar, preciso de chegar às plantas alí na rectaguarda. Meu Deus, as minhas pernas. Serão de borracha, ou músculos? Mal me posso ter de pé! Eu também queria fazer contas. Está claro, foi mais do que uma semana, sete dias pelo menos. Qual quê? Muito mais! Disparate, se fosse assim, já não estaria vivo! Mas isso também já não interessava! O que tinha era de chegar alí aos vasos de flores!

Como era possível que os caixotes agora fossem muito maiores do que há pouco? Já estarei idiota ou minguei? Lá acima nunca chego! Mas era o caminho para as plantas e aguinha nos vasos. Oxalá que ainda lá estivesse! Forçoso era que houvesse outro caminho, talvez pelo meio das alomofadas? À frente havia outro cartão a tapar. De repente eu também via mal. Parecia haver um véu diante das coisas. Mas

vamos para a água e para as plantas Snowi! Voltei à água e ao meu lugar, para me manter acordado...

Que era isto agora lá fora? Já sei: é a trovoada. Pelo menos esta caixa metálica é limpa por fora, pensei eu. Estupidez, bem me importa isso a mim. Tudo o que quero é sair daqui: POR FAVOR.

Silêncio. Calor. Tagarelice humana, mas não consegui entender nada. Onde teria ido parar? Têm de ser os raptos pensei. Muito bem enrolado fiquei deitado num canto em cima das redes de futebol. Ali ninguém me podia ir buscar com facilidade. Tu iludes-te Snowi. Isso era dantes. Mas hoje em dia! Oh! eu delirava e falava e perguntava e respondia. Eu já não tinha o juízo todo.

De repente voltaram a ouvir-se os claxons. Solavancos. Mais uma vez sou carga, talvez que agora directamente para o inferno? Era muito provável que lá voltasse a encontrar o John? Não, eu ainda estava vivo. É certo que estava fraco mas ouvia bater o coração, só que enlouquecera durante estes dias todos. Estava muito fraco para fazer contas. Voltou-me a espereança. Voltava a ser o ruído do camião. Finalmente voltava a haver terra debaixo de mim. Tem de ser a Escócia! Mas, esta língua? Isso era escocês?

Havia um calor terrível neste caixote de chapa, eu era incapaz de ter já um pensamento racional. Mas que estradas eram estas debaixo de mim? As caixas e caixotes projectavam-se pelo espaço. Sugiu perigo

aqui no meu lugar, junto das portas. Tem que ser uma viagem em direcção ao inferno! Mas por favor, acabem finalmente com isto! Não posso mais! Até mesmo o sofrimento algum dia tem de chegar ao fim!

Quais sete fôlegos! Eu já os gastei todos durante esta viagem! Acho que já nada resta de mim!

Até que enfim chegamos ao termo. O motor já não trabalha. Ainda estou vivo! Rápido, não, pelo contrário, devagarinho até à porta, Snowi... Com uma chave abrem a porta. Sim, ouco-o nitidamente. As fechaduras. As chaves. Agora importa manter a calma. Tudo acabará bem. Não convém sequer emitir um nico som. Poupa energia.

Uma nova vida em Portugal

Uma luz que fere os olhos, ar. Ar fresco! É certo que bastante morno, mas vejo uma tira azul do céu, através da fenda da porta aberta! “SOCORRO! MIAU. POR FAVOR VENHAM-ME BUSCAR AQUI!” Berrei a plenos pulmões. De facto! Os milagres existem! Um estranho sobe para o container. É forçoso que seja um dos raptores. Snowi, disse eu para comigo, isso agora não interessa mesmo nada. Permite-lhe que ele te ajude. Lá fora, mostra-lhe como é.

Cautelosamente ele transportou-me lá para fora e colocou-me no chão. Olá! Quem vejo eu como minha comissão de boas vindas? Eram afinal os meus amigos alemães! Mal queria acreditar no que via! Ei-

los ali, especados, admirados e depois a saudar-me. A “minha” Uschi, o Mark e ... como se chamava o sujeito? Ah, sim, Roman.

Oh! como isto foi penoso. Parecia impossível mas mal podia por pé ante pé. Sentia-me totalmente siderado! Oh! Que felicidade que fossem os meus alemães que ali estavam à espera! Seriam realmente meus amigos? E porque falava o homem que me auxiliou a sair desta prisão, numa língua tão estranha?

Onde viera eu parar? Seria isto a Escócia? Eu imaginara-a de modo bem diferente. Aqui era tudo tão luminoso, tão quente. A primeira impressão era satisfatória.

O Roman e este homen conversavam na minha língua materna, portanto em inglês. Falavam acerca da comida de gatos para mim; da acção do John na Irlanda no seu velho terreno, e ainda, eu não quero sequer acreditar nisso - no total de 16 dias que eu, como dizia o Roman - passara nesse container! Loucura! Eu estou vivo. Estou com os “meus” alemães depois de 16 longos dias!

O Roman correu a velocidade louca, na companhia do Mark, para fazer compras. Comida de gato e leite para mim! Ora vê Trude! Eles sempre eram meus amigos, pensei eu. Certamente que cuidam de mim. Uschi para começar trouxe um pratinho com água. Todos me olhavam fixamente e eu precisava de me concentrar e acalmar, Lá vinham os dois com a

comida genuína para gatos. “Devagar Snowi, devagar” gritavam-me todas. Era-lhes fácil falar! 16 dias sem comida, sem alimentação autêntica, porque as folhas das plantas apenas sabiam a amargo e a água nos vasos de flores também não potável. Com ela apenas humedecia a língua. Mas Oh! Estou vivo! Voltei a ter a ‘minha’ cozinha alemã! E os meus amigos alemães!

Mas com isto ainda a minha pergunta estava sem resposta. Encontrava-me de facto na Escócia? A quem havia de me dirigir para perguntar? Senteime em cima do muro de pedra pintado de branco e pus-me a mirar a rua. Quase imediatamente surgiram uns gatinhos, atravessando a via pública. Queria interrogá-los.

„Hallo! Vocês aí podeis informar-me como se chama este país? Estarei eu na Escócia? Ouvi gargalhadas casquinadas dos três gatinhos vadios. Lá bonitos não eram eles. Ou melhor, não eram tão bonitos como eu. A gorda e preta, talvez a mais idosa, disse-me com um acento sabichão:

“Olá tu, mancha branca. Tu estás em Portugal. Na orla da Europa. E, se fosse a tí desceria depressa desse muro e tentaria arranjar outro lugar em vez de ficar junto desses alemães esquisitos ou desses alemães irlandeses! Eles nem squer sabem o que querem!

“Como assim, não sabem o que querem? Já os conheço há muito tempo e venho de propósito da

Irlanda para viver vom eles! São os meus amigos e não permito que digam mal deles.” Repliquei.

Sim, a princípio dão-te leite e mais leite e depois? Só tens o chuveiro frio com a mangueira da água. Fizeram assim com nós todos! “Nos primeiros dias foram bem simpáticos, mas agora preferimos fazer um grande desvio em volta deste terreno” acrescentou um dos gatos pequeninos que tinha a pele às tiras.

Isso realmente soava às “velhas” manobras de enxotamento do “Roman irlandês”. Talvez achassem que eram gatos a mais. Agora que eu tinha chegado, provavelmente queriam ajudar-me só a mim. Queriam defender o terreno para meu interesse. Pois claro, era essa a explicação! Bem vistas as coisas como havia eu de defender de imediato e vitoriosamente o meu domínio numa luta possível vom outros gatos? Estou certo que é por isso que o meu Roman age assim!

Até parece que ele ouvira a deixa. Aí está o Mark que abre a torneira da água e o Roman em cima de uma saliência do muro, dirige a mangueira de borracha perigosamente na direcção dos gatos vizinhos refastelados em cima do telhado da garagem! Hui que duche desagradável para os três gatos alí na rectaguarda. Mas tudo certo. Afinal o telhado da garagem era meu, só que ainda não estive lá. Que fazem eles alí? Força, Roman! Tira-me tu o trabalho de os espantar!

A tardinha dos meus primeiros dias em Protugal come disse o gato pequeno - às vezes passeava um pouco

na vizinhança. Em cada casa havia gatos moradores e em cada terreno também. Eram quase mais que seres humanos. Na floresta próxima havia bastante frescura mas não se viam muitas coisas diferentes dos relvados irlandeses quando se vagueia por lá. Eu prefiro ficar no belo terreno da minha gente, acho que é assim que posso designar agora os meus alemães. Junto deles há sempre coisas diferentes.

Por exemplo: o Mark contrói um pequeno parque de divertimentos ao ar livre. Ele fá-lo expressamente para mim. Eu assisto sempre a esta construção. Agora eu possuo, conforme ele me mostra sempre nos livros, em tamanho próprio para gatos, uma réplica do Euro - Disney Parque, de Paris. É certo que nem tudo está concluído e eu duvído seriamente se, no fim, serei capaz de viajar nos carroceis.

Mas deste modo o jovem Mark transporta para o nosso terreno e só para mim, a vastidão do mundo. Devo dizer que para todos, os sofrimentos valeram a pena. Embora eu, na ocasião, tivesse pensado que talvez pudesse partir na companhia dos meus alemães, nunca teria tido a coragem de o fazer! Por aí se vê que, às vezes, temos de ser forçados a assumir a nossa felicidade! Muito obrigado Master John McMadden na Irlanda! Nada de melhor me poderia ter acontecido!

Neste momento, estou deitado no quarto do Mark num pequeno e confortável sofá. Ao meu lado há uma multidão de figuras muito simpáticas e pintadas com

muitas cores, tendo todas elas um nome. Infelizmente não posso conversar com elas. São figuras de pano, de filmes que também vi na T.V. na Irlanda, ou então, em anúncios a cores das revistas de Emma e Andrew. É muito agradável que Mark tenha todas estas figuras. Admiro-me sempre de novo, pelas possibilidades espantosas de que dispõem os seres humanos! Nós, os gatos, podemos assim, pelo menos, admirar estas figuras.

Todas as figuras são pelo menos tão grandes como eu. Há mesmo um crocodilo que, certamente, me devoraria se fosse vivo. Felizmente é de pano e tem até uma aparência amável. Oh! lá, sombriamente, no canto está sentado um gorila, e é claro que não é por acaso que ele se chama John! Efectivamente! Mas, se olho para ele mais de perto, tem no seu olhar algo de brincalhão, não é a raiva do John da Irlanda. Há também burros e com um deles o Mark está sempre a falar. Deve ser o seu burro favorito. Leões, cães, lebres, ursos e todas as figuras destes cadernos Disney. Ei-los aqui outra vez, mesmo ao pé de mim: o rato Mickaey, Pateta, Chip e Chap ou o grande urso mau. Parece um sonho!

Eu não sei como vivem exactamente os outros gatos domésticos. De qualquer modo, amim parece-me estar no paraíso. Por todo o lado tenho os meus lugares favoritos e eles são respeitados também eles meus amigos humanos. Lembro-me bem do primeiro fim do dia, na casa adquirida recentemente pela minha nova gente.

Vi na cozinha um armário de palha que tinha no “rez do chão” um “quarto” devoluto. Zás. Senteime lá dentro. O que fizeram os meus amigos? Em vez de ralharem, colocaram-me lá dentro um pano verde. Se calhar queriam que eu recuperasse o meu relvado irlandês. Além disso o Mark colocou-me lá um fogãozinho e uma mesinha. Agora serve-me sempre guloseimas em cima desta mesa. É o máximo!

Sim, a alimentação. Eu entro em extase. Não é monótona. Isto ou aquilo. Todos os dias coisas diferentes e não são apenas os restos. Eles compram expressamente alimentação para gatos, para que nada me falte! também na Irlanda isto era diferente. Só recebia as sobras da cozinha alemã e naturalmente os restos das refeições. Eu aqui faço parte do lar, aqui leram-me que espécie de gato sou, a final.

Acerca disso, não sabia absolutamente nada. Como podia sabê-lo? sei agora que sou um “gato Van turco”. O Mark lera isso nos seus livros novos referentes a gatos. Aí estava também uma colectânea de retratos com a minha imagem estampada. Estranho! Quem saberá a origem desse nome? No fundo, é indiferente. A minha gente gracejava e dizia que: “gato Van” vinha de “transportador” e isso significava a minha “paixão” por viajar em grandes camiões... A eles é - lhes fácil rir-se disso.

Sim, aqui ri-se muito. Parece-me que o motivo é o tempo sempre bom. É se alguma vez está enovado, ou até chove então tudo respira de alívio e, apesar disso fica-se contente. Afinal, não há diferença, se algumas vezes, por acaso, o sol interrompe a chuva ou se a chuva interrompe o sol. É o que diz sempre o meu dono Roman. Ele tem razão. Eu dou-me muito bem com o clima.

Aqui posso fazer o que quero. Posso vir para casa ou sair quando me apetece. Olho para aqui, durmo acolá. Mio em cima do muro da propriedade, outras vezes dentro de um caixote de cabos, bem alto, em cima na habitação da garagem. Aliás, a porta da garagem, de noite, fica sempre um bocadinho aberta. Assim não tenho problemas à noitinha, em ir passear sempre que sentir vontade de o fazer.

Uma vez ou outra levo aos meus amigos um ratinho que cacei para mostrar gratidão. Eles não ficam muito contentes com isso. A Uschi tem que levá-l sempre de volta para o terreno floresatl e isso não lh dá muito prazer. Qundo o Mark me escova diariamente, sinto umas bela cócegas na minha barriga. Mas, quando eu, por gratidão, lhe estendo a minha pata ele estremece e recua porque tem medo das minhas garras, mas essas, afinal, saem automaticamente. - Sim, é verdade, os meus homens não percebem muito de gatos ou de mim. Mas reconheço que fazem os maiores esforços nesse sentido e estou-lhes muito grato por isso! Acho que, juntos, ainda passaremos uns tempos fantásticamente bons!

Snowi, Agosto 1993, Portugal.

Notas

Snowi tem razão. Nós também estamos muito bem impressionados com o nosso fiel e íntimo amigo! Quem percorreu tal caminho e se mostrou tão fiel merece a nossa grande simpatia! Contudo eu talvez deva esclarecer que até agora nunca quisemos ter um gato! Antes, os cães tinham sido a nossa paixão. Há anos que a Uschi tinha demonstrado alergia pelos gatos. Por isso a nossa mudança de comportamento é também uma prova de amor, querido Snowi!

Seguem-se uma série de esclarecimentos sobre termos “estrangeiros” que foram necessários ao texto:

Ireland = ortografia inglesa da Irlanda = (é claro que não "falso país", embora muito comum nome!)

Guinness = marca de cerveja irlandesa, sem dúvida de qualidade rotulada!

Pub = taberna inglesa / irlandesa

Cul de Sac = palavra irlandesa para beco sem saída (Gaélico)

Jaguar = exclusiva marca de carro inglesa, também, distinta

Container = neste caso 40 pés = o mesmo que uma cadeia de lata com 12 metros de comprimento

Entrance = entrada

Mar da Irlanda = mar entre Irlanda / norte da Irlanda e a Escócia / país de Gales / Inglaterra

Poque é que o Snowi compreendeu correcto quando ouviu o Master John dizer “Escócia”? Porque nós estamos no mundo e queremos que esses irlandeses nos deixem em paz, porque se o soubessem viriam com todo o prazer ter connosco a Portugal como “velhos e bons vizinhos”!

Portugal, Augusto 1993